

# DESPACHO CULTURAL: treze horas de espera e dois meses de fabulação

Beatriz Pimenta Velloso<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da videoperformance Despacho Cultural – realizada pela autora em residência na Escócia –, da antropologia simétrica de Bruno Latour, do perspectivismo de Viveiros de Castro e do conceito de acumulação primitiva revisto por Silvia Federici, este texto compara o despejo dos escoceses das Highlands às políticas de imigração da atualidade.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea, antropologia simétrica, perspectivismo, acumulação primitiva

## CULTURAL CLEARANCE: thirteen hours waiting and two months of fabulation

**Abstract:** From the video-performance Despacho Cultural – developed by the author during a residence in Scotland –, through Bruno Latour's symmetrical anthropology, Viveiros de Castro's perspectivism and the concept of primitive accumulation reviewed by Silvia Federici, this text compares the eviction of Scottish Highlanders to the actual immigration politics.

**Keywords:** Contemporary art, symmetrical anthropology, perspectivism, primitive accumulation

---

<sup>1</sup> É artista visual e professora do Departamento de Artes Visuais-Escultura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BAE / EBA / UFRJ). A partir de 2014 coordena o Grupo de Pesquisa A Arte, a História e o Museu em Processo (CNPq/UFRJ), realizando intervenções no MDJVI/EBA/UFRJ, MNBA/RJ, MHN/RJ, Museu do Ingá, junto a estudantes e professores de artes. Em 2018 desenvolveu pesquisa de pós-doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), quando realizou a série de trabalhos "Sonhos de Pureza" e escreveu o presente artigo. E-mail: biapimentav@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9571-0616>

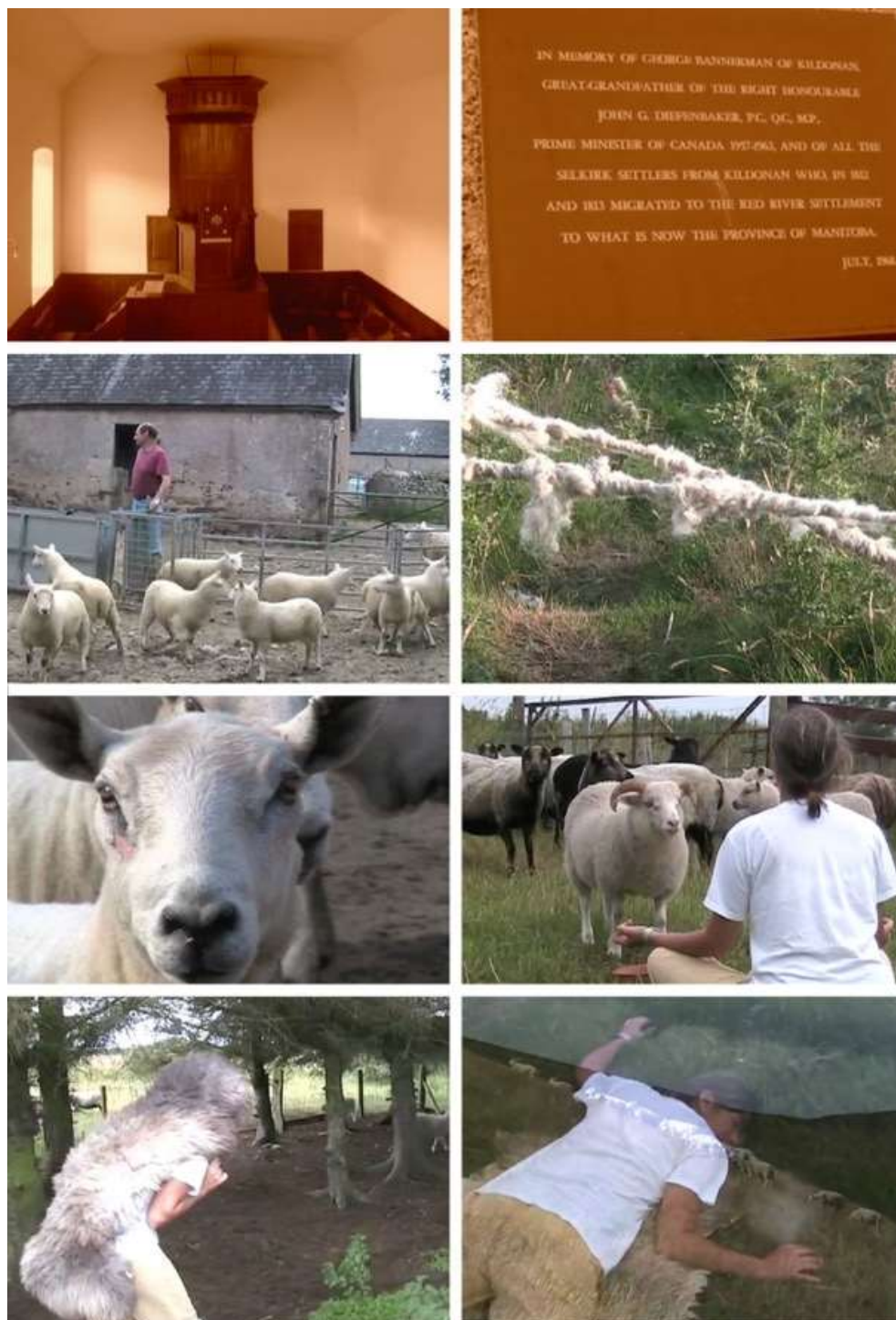


Figura 1  
Beatriz Pimenta, *stills*  
da videoperformance  
*Despacho Cultural*, 2006  
Imagens de Beatriz  
Pimenta e Roxana  
Meehan

## Arte contemporânea

Em 2005, na imigração do aeroporto de Londres ao declarar que o motivo de sua viagem era fazer uma residência artística na Escócia, depois de treze horas de espera, a autora que vos fala foi obrigada a voltar para o Brasil. Em rápida entrevista com o agente de imigração, depois de apresentar seu cartão de crédito internacional, responder que a sua estadia seria de dois meses e declarar que receberia recursos do Consulado Escocês, a artista foi convidada a sair da fila e aguardar. Depois de uma hora sentada diante dos balcões da imigração, junto a outro viajante foi encaminhada a uma sala em que havia várias pessoas, muitas vindas de países africanos, bem como latinos, asiáticos e uma canadense gótica, a única pessoa que conseguiu sair depois da primeira entrevista. No *hall* de entrada foram oferecidos gratuitamente sanduíches e refrescos, provisões que prenunciavam outro longo tempo de espera. Todos aguardavam um chamado para entrevista, depois outro para ser fotografado, deixar as impressões digitais, etc. Muito tempo depois à artista foi dado o veredicto: Infelizmente você terá que esperar por uma vaga em um voo de volta para o Brasil, da mesma companhia pela qual veio. Lamentavelmente, deram-lhe a esperança de conseguir entrar numa próxima vez, com visto adequado a ser obtido no consulado da Inglaterra no Brasil. No desenvolvimento dos trâmites burocráticos as informações eram dadas de forma irônica, ao estilo do humor inglês. Durante as treze horas de espera a luz não se apagou; havia colchonetes para quem quisesse deitar para dormir um pouco. A artista perdeu a viagem e a passagem, e as treze horas de espera dimensionaram fronteiras no mundo globalizado.



Figura 2  
Beatriz Pimenta,  
*Sala de espera*,  
instalação nas Galerias  
da Funarte do Rio de  
Janeiro, 2007

Persiste, entretanto. Em 2006, com um visto de artista consegue chegar a Brora, Sutherland, Scotland, UK. Fotografa a antiga vila industrial e as paisagens ao redor. Nesse processo lhe incomoda a ausência de gente e a onipresença de ovelhas, sempre fugindo à iminência de qualquer aproximação humana. Imprime algumas dessas fotos e convida os moradores da vila a descrevê-las. O que a princípio parecia não passar de simples fotos turísticas, à medida que foram sendo descritas revelou-se nefasto. Sobre a torre de pedra com o relógio, uma moradora escreve: “meu filho foi morto na Guerra do Golfo, e seu nome está em uma placa do Brora War Memorial”<sup>2</sup>; sobre o pequeno barco colorido atracado no porto, outra lamenta o fato de a prática da pesca industrial ter obrigado os pescadores locais a viver do seguro-desemprego; bucólicas ovelhas brancas em contraste com o pasto verde foram descritas como seres aborrecidos, que berram dia e noite sem ter por quê.

Registra os rumores. Pesquisa. Em tempos não muito distantes, os ingleses com suas armas de fogo dominaram os escoceses gaélicos, proibiram o uso do idioma, queimaram casas, condenaram bruxas,



My son was killed in the  
Gulf War and his name is  
on a plaque on the Brora  
War Memorial.

Figura 3  
Beatriz Pimenta,  
*foto legendada por*  
*moradora de Brora,*  
2006, foto da autora

<sup>2</sup> O monumento foi construído em 1922 em homenagem aos sessenta militares de Brora que tombaram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918); posteriormente, em outras duas placas foram acrescentados os nomes de dezesseis pessoas que morreram na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o de um militar morto na Guerra do Golfo (1990-1991).

destruíram plantações, cercaram os campos, trouxeram ovelhas para criação, investiram na exploração do carvão, montaram indústrias, construíram casas iguais, formaram cidades, que logo transformaram alguns camponeses em funcionários. Contudo, grande parte dessa população não pôde ser integrada a esse novo modo de vida. De início essa gente despejada foi direcionada às recém-criadas cidades no litoral do mar do Norte, a exemplo de Brora; a seguir muitos dali foram para as cidades formadas nas Terras Baixas; ao final, a maioria dessa população, agora em condições miseráveis, foi obrigada a emigrar para o Canadá ou os EUA.

Em linguagem semelhante à das fábulas, na videoperformance *Despacho Cultural* as imagens editadas e legendadas instigam a construção de simetrias: a triagem de pessoas nas filas da imigração do Heathrow e a ruidosa separação das ovelhas de seus filhotes para a tosa anual; as separações operadas pelo modo de produção industrial e a distância preestabelecida entre os humanos e as ovelhas. O título da videoperformance é uma tradução literal, proposital e ambígua, do título original em inglês *Cultural Clearance*, o qual faz referência ao despejo dos camponeses das Terras Altas (*The Highland Clearances*<sup>3</sup>), ocorrido na Escócia, no início do século XIX. Entre os significados do substantivo *clearance*, estão em primeiro lugar: processo de remoção, autorização oficial. As expressões *cultural*, *clearance* e *despacho cultural* são poéticas, criações híbridas que orbitam entre realidade e ficção.

Não importa se é realidade ou ficção a história do artista alemão que atuou como piloto na Segunda Guerra Mundial até seu avião cair na Crimeia, quando foi socorrido por moradores locais que o trataram envolvendo suas queimaduras em gordura e feltro. Mais importa considerar Joseph

---

<sup>3</sup> *Highland Clearances* é como se denominaram os diversos despejos de escoceses gaélicos das Highlands, durante os séculos XVIII e XIX. Especialmente, entre 1810 e 1820, o político e diplomata inglês reconhecido como Duque de Sutherland, depois de se casar com uma nobre escocesa herdeira de terras, expropriou centenas de famílias queimando suas casas, destinando terras que eram de cultivo à criação de ovelhas. As famílias despejadas a princípio foram assentadas em vilas litorâneas e empregadas em fábricas que não prosperaram como o esperado; posteriormente, a maioria, em situação de miséria, foi obrigada a emigrar para o Canadá (HUNTER, James. *The Sutherland Clearances*, Edimburgh: Birlinn, 2015).

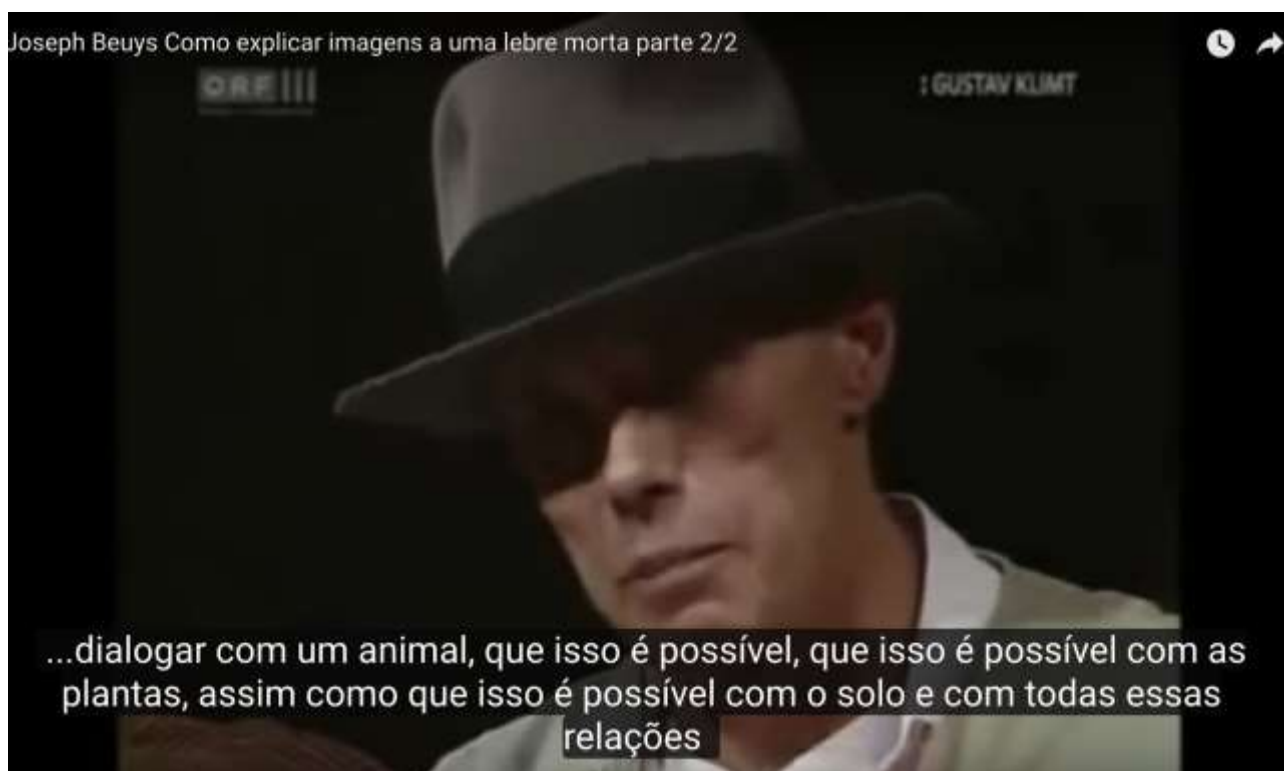
Eric Richards depois de Hunter, aprofundando-se no tema, observa que antes dos despejos os chefes de Clãs das Highlands eram considerados como "brutais opressores de um povo servil", depois dos despejos os mesmos foram romanceados e tratados como os "patriarcas de um campesinato agradecido". Richards fala da existência de fluxos demográficos antes dos *Highland Clearances* por escassez de alimentos, da liderança das Igrejas e da influência dos seus Ministros que pregavam a colaboração e a conformidade, intimidando o campesinato a resistir. RICHARDS, Eric. *The Highland Clearances*, Edimburgh: Birlinn, 2016

Beuys o primeiro artista a abordar diretamente a problemática moderna da separação entre os conceitos de natureza e cultura, o que fica mais evidente em duas performances em que o artista se apresenta isolado do público, através de uma vitrina em *Como explicar imagens a uma lebre morta* (1965) e atrás das grades em *I like America and America likes me* (1974). Vinte anos depois da apresentação dessa primeira ação, em resposta a um dos seus interlocutores, Beuys declara:

Eu não quero manter a imagem do ser humano tão pequena, como o materialismo fez... por encolhimento”. [Penso que] “em ‘humanidade’, estão incluídos a lebre, o animal, a planta, a terra, os planetas, tudo o que existe além... no reino cósmico, no reino natural, no reino sobrenatural.<sup>4</sup>

Com essa frase percebemos que o problema fundamental de Beuys é a modernidade, por extensão a Segunda Guerra Mundial, a alienação provocada pelo modo de produção industrial, os conhecimentos especializados que se desenvolveram isolados desconsiderando os efeitos que suas práticas poderiam causar ao meio ambiente. O trabalho de arte como produção independente desse *modus operandi*, segundo o artista,

FIGURA 4  
Joseph Beuys, Entrevista  
sobre a ação *Como  
explicar imagens a uma  
lebre morta*, 1965



<sup>4</sup> BEUYS, Joseph. Respostas de Beuys às questões levantadas em entrevista sobre a performance *Como explicar imagens a uma lebre morta*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=8&v=k-qxYxB\\_m5o](https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=k-qxYxB_m5o)>. Pesquisado em 05/11/2018.

seria a única forma resistente a essas separações. O conceito de “arte social” seria uma proposta de mudança radical no universo do trabalho, em que todos deveriam ser artistas, com potencial e habilidade para transformar o mundo ao seu redor. O vídeo dessa entrevista coletiva, interconectando comentários críticos e ficção, mostra Beuys respondendo com incrível fluência de pensamentos à série de perguntas que lhe fazem:

Temos que entender as formas internas do pensamento, como uma condição prévia para futuras materializações. [...] Os pensamentos de um ser humano já são, em si mesmo, uma escultura. [...] A questão é saber se este pensamento receberá uma forma, a fim de incorporar-se ao mundo físico.<sup>5</sup>

Atualmente no Brasil, as ações do artista Rodrigo Braga também se desenvolvem isoladas do público, interconectando os conceitos de natureza e cultura. Em lugares remotos, suas performances são registradas em fotografias e vídeos, muitas vezes feitos pelo próprio artista. A necessidade de distância do público, comum aos dois artistas, aproxima a performance da prática do etnógrafo, o bloco de anotações da câmera fotográfica que filma; diferenciando o artista que cria o objeto do artista-objeto.

FIGURA 5  
Rodrigo Braga, *Tônus*,  
vídeo 10min, cor,  
estéreo, HD, 16:9, 2012



<sup>5</sup> BEUYS, Joseph. Respostas de Beuys às questões levantadas em entrevista sobre a performance Como explicar imagens a uma lebre morta. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=8&v=k-qxYxB\\_m5o](https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=k-qxYxB_m5o)>. Pesquisado em 05/11/2018.

## Antropologia simétrica e perspectivismo

Sob a influência do evolucionismo darwiniano, a antropologia surgiu como ciência no início do século XIX, com o objetivo de estudar sociedades “primitivas”, que permaneceram isoladas dos processos de colonização. No aprofundamento das pesquisas sobre tais sociedades, a antropologia se desloca para o campo das ciências sociais, constituindo um método, o qual se divide na prática da etnografia (descrição do trabalho de campo feita pelo pesquisador que vai a campo) e da etnologia (síntese feita pelo pesquisador dos conteúdos descritos por outros que estiveram em campo). O pesquisador torna-se um observador participante, ou um etnólogo de gabinete, que se esforça em traduzir, ou interpretar, representando por meio da escrita a “cultura” do povo pesquisado. Se, na antropologia moderna, a relação entre a cultura do pesquisador e a cultura pesquisada foi considerada assimétrica – porque o antropólogo como sujeito descrevia o nativo como objeto –, na visão pós-moderna a relação proposta, de sujeito para sujeito, procura evitar a assimetria dessas relações. Escapando da assimetria moderna e do relativismo da pós-modernidade, a “antropologia simétrica” proposta por Bruno Latour<sup>6</sup> não considera a existência de culturas, mas de naturezas-culturas compostas por “seres humanos, divinos e não humanos”, como um todo significante, indecomponível.

No conceito de “natureza-cultura” para efeito de comparação “modernos e não modernos” estão dispostos em igualdade de condições; não se trata mais do conceito moderno de uma natureza universal, mas de naturezas tão diversas quanto as culturas que lhes correspondem. O método da antropologia simétrica, proposto por Latour como antropólogo da ciência, vem sendo impulsionado pelo crescente problema dos cataclismos climáticos, quando, para pensar a questão, torna-se imprescindível se “desvendar do conceito de natureza os aspectos éticos, políticos, científicos e teológicos envolvidos”<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: 34, 1994. p.104.

<sup>7</sup> LATOUR, Bruno. *Face à Gaïa. Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Paris: La Découverte/Les Empêcheurs, 2015.

No sentido atemporal e interdisciplinar, a “antropologia simétrica” de Latour encontra o “perspectivismo ameríndio” de Viveiros de Castro<sup>8</sup>, de acordo com o qual todos podem ser sujeito e objeto simultaneamente. Se o antropólogo pode ver o índio como um objeto, o índio também pode ver o antropólogo como objeto, se os ameríndios podem ver os animais como bichos de caça, os animais também podem ver os ameríndios “como bichos de caça, ou como feras predadoras [...] conforme a posição respectiva que nós e eles ocupamos na cadeia alimentar”<sup>9</sup>. O perspectivismo considera pontos de vista de diferentes ângulos, mas é importante esclarecer – como explica Beuys aos seus interlocutores – que, para os ameríndios, tudo está vivo, tudo é humano e possui subjetividade.

FIGURA 6  
Beatriz Pimenta, da  
série *Sonhos de Pureza*,  
vídeo 2':23", texto de  
Eduardo Viveiros de  
Castro, 2018



[Os ameríndios] sabem que a ação humana deixa inevitavelmente uma “pegada ecológica” no mundo. A diferença está em que o solo em que deixam suas pegadas também é vivo e alerta, sendo, frequentemente, o domínio ciosamente vigiado por

<sup>8</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2014. (iBooks, p.686).

<sup>9</sup> DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? In: Um mundo cheio de gente. Florianópolis: Desterro, 2014. p.96. Disponível em: <<https://criticasobrenatural.files.wordpress.com/2015/03/danowski-e-viveiros-de-castro-um-mundo-de-gente.pdf>>. Pesquisado em 05/11/2018

algum super-sujeito (o espírito-mestre da floresta, por exemplo). O que requer, portanto, olhar com muita atenção onde se pisa.<sup>10</sup>

Em sintonia com as questões sobre o aquecimento global, ao falar sobre o imaginário de início/fim de mundo, Viveiros de Castro percorre diferentes mitos e histórias de ficção científica, antes de nos apresentar as mitologias ameríndias, que se referem a um começo de mundo em que só havia humanos.

No caso ameríndio, os humanos são os primeiros a chegar, o restante da criação procede deles [...] E os nomes, em sua infinita variedade, existiam [...] antes-junto das coisas (os Yanomami Pecaris, o Povo Jaguar, a Gente Canoa etc.) — estas não esperaram um arquinomeador humano para saber que eram, e o que eram. Tudo era humano, mas tudo não era um. A humanidade era uma multidão polinômica [...] cuja externalização morfológica, isto é, a especiação, é precisamente a matéria da narrativa cosmogônica. É a Natureza que nasce ou se “separa” da Cultura e não o contrário, como para nossa antropologia e nossa filosofia.<sup>11</sup>

O mundo ameríndio começa com a forma humana, que se desdobra em todas as outras formas de vida; é justo o avesso da teoria científica da evolução de Charles Darwin, que nos apresenta um começo de vida microscópico, da bactéria ao ser humano, tudo em constante mutação. Vendo as ciências e os mitos como possibilidades, é possível inter-relacionarmos com facilidade mito/ciência/tecnologia/história/ficção/arte. Na ideia de começo/fim de mundo, atualmente, também não é difícil pensarmos na extinção da civilização em nível global e na permanência do planeta Terra, como ambiente propício a outro começo, a partir de alguns humanos ou de qualquer outra forma de vida. Também podemos imaginar o começo/fim de mundos em exoplanetas, a orbitar estrelas semelhantes ao Sol, mesmo estando essas estrelas e esses planetas a distâncias inalcançáveis para nossa tecnologia. Assim, continuamos a procurar na Terra vestígios da existência de outros mundos, a escrever ciências e ficções que passam por constante processo de adaptação.

Viveiros de Castro, ao estudar povos ameríndios a partir de práticas centrais de sua cultura, não vê correspondência entre sua pesquisa e a antropologia urbana, a qual se dedica às culturas que foram desviadas do centro de suas naturezas para as periferias das metrópoles. Destaca

---

<sup>10</sup> Idem

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p.92.

Michel “Foucault como [pensador] mais representativo de uma autêntica antropologia das sociedades complexas”, quando este observa a cultura ocidental a partir de suas estruturas de poder<sup>12</sup>. Contudo, não se trata de reduzir a importância da antropologia urbana, mas de esclarecer que ela atua em microssistemas, que não surgem isolados, independentes da cultura ocidental que se expande junto ao capitalismo global. Nas sucessivas crises do neoliberalismo, em tempos de retrocesso político e de mudanças climáticas, o relativismo da antropologia urbana tem perdido terreno para o estudo das sociedades complexas, que trata dos mecanismos das instituições de controle, das hierarquias e do medo engendrado pelo poder dominante. Não foi por acaso o resultado das últimas eleições no Brasil, tampouco pelos resultados decorrentes da democracia que se estabeleceu durante treze anos no país, mas por alianças reestabelecidas entre o poder e a religião, que dão continuidade a nossa história de cinco séculos de exploração e de desigualdade social.

### **Acumulação primitiva**

No início do século XIX, poderíamos construir uma simetria, estabelecer um perspectivismo dos ingleses para os escoceses e dos escoceses para os ingleses. Os escoceses pré-modernos vivendo em fazendas, criando animais, cultivando seus alimentos, mitos e tradições; os ingleses modernos vivendo em cidades, setorizando os modos de produção, construindo monumentos, explorando novas fontes de energia para alimentar suas máquinas, criando e impondo um novo modo de vida. Na Escócia, Brora e Helmsdale foram cidades construídas pelos ingleses para implantar a industrialização na região de Sutherland, o maior território regional britânico. Em Brora já existia uma mina de sal; para a fundação da cidade foi investido capital para a exploração da mina de carvão, a reforma do porto, o aprofundamento do rio, a construção de casas, armazéns, curtumes, fábricas de lã, tijolos, barcos, whisky, entre outras, sendo a produção de lã e a destilaria de whisky, que sempre foram artesanias locais, as únicas manufaturas que existem até hoje. A ideia, ao construir cidades autônomas em substituição ao Antigo Regime (que costumava gerar seus próprios recursos), era manter equilibrada a balança entre exportação e importação de produtos; porém, na primeira queda de preços – devida à superprodução de pesca e à disputa de mercado com a

---

<sup>12</sup> VIVEIROS DE CASTRO, 2014, op. cit. (iBooks, p.970).

Irlanda –, as fábricas foram fechadas, e essas cidades pouco a pouco esvaziadas.<sup>13</sup>

Em meio ao caos dos despejos, na igreja de Loth, entre Brora e Helmsdale, em 1822, tardiamente às sentenças da Inquisição, foi queimada a última bruxa das ilhas britânicas. Consta nos registros: uma mulher idosa com evidente senilidade é acusada pelos vizinhos de ter transformado a filha – uma jovem com paralisia nas mãos e nos pés – “em um pônei, cavalgando-a até o inferno, onde o Diabo a calçou com patas”. Denunciadas ao xerife local, o capitão inglês David Ross imediatamente condenou mãe e filha à fogueira, tendo a filha conseguido escapar. Nove anos depois, consta nos laudos que o xerife foi considerado culpado por ter agido antes de encaminhar o processo às instâncias superiores, sendo provado que as acusações eram boatos, crenças populares desenvolvidas durante o longo período de caça às bruxas na Europa. Essa mulher sem nome nos laudos oficiais ou citada como “Janet Horne”, um nome genérico dado às bruxas do norte da Escócia, foi um caso raro e tardio nas Terras Altas, mas esse



Figura 7  
Próximo a Brora, na  
antiga igreja de Loth,  
em 1822 foi queimada a  
última bruxa das ilhas  
britânicas, foto do  
arquivo Historic  
Scotland

---

<sup>13</sup> RICHARDS, E.S. Structural change in a regional economy: Sutherland and the Industrial Revolution, 1780-1830. *The Economic History Review*, v. 26, n. 1, 1973. p.63-76. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/2594759?read-now=1&logged-in=true&seq=11#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2594759?read-now=1&logged-in=true&seq=11#page_scan_tab_contents)>. Pesquisado em 05/11/2018.

nome fictício, provavelmente, serviu para dissimular a identidade e o grande número de mulheres que foram mortas nas Terra Baixas durante os séculos de perseguição.<sup>14</sup>

Quando se estabeleceram as cidades e a industrialização nas Terras Altas da Escócia, a caça às bruxas já não estava em pauta; mesmo assim ainda houve essa violenta demonstração de poder que revela a cumplicidade preestabelecida entre o Estado, a Igreja e o modo de produção industrial. No senso comum, a existência das bruxas e de seus saberes ficaram como folclore, visto que sua atuação na sociedade feudal e o seu extermínio não foram incluídos na história:

Enquanto nas Terras Baixas da Escócia, que passaram por um processo de conversão à religião anglicana e de privatização, e onde a economia de subsistência foi desaparecendo sob o impacto da reforma presbiteriana, a caça às bruxas custou 4 mil vítimas, o equivalente a 1% da população feminina, nas Terras Altas da Escócia e na Irlanda, as mulheres estiveram a salvo na época da queima de bruxas.<sup>15</sup>

Atualmente podemos facilmente visualizar as consequências desse genocídio no comportamento padronizado das sociedades modernas:

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social.<sup>16</sup>

Ao revisar o processo de transição entre a acumulação primitiva e a acumulação capitalista de Marx, pelo ponto de vista das mulheres, Federici destaca a violência empregada contra as bruxas, mulheres camponesas que acumulavam saberes e os transmitiam em suas relações sociais, no trabalho cooperativo de fiar, de cuidar do corpo, de plantar e de criar animais em campos comunais – até o cercamento de terras pelos proprietários, que foi incentivado pelo Estado sob domínio inglês, o que levou à expulsão dos camponeses e à extensiva criação de ovelhas nas Terras Altas.

---

<sup>14</sup> NEILL, W. N. The last execution for witchcraft in Scotland, 1722. *Journal The Scottish Historical Review*, v. 20, n. 79, 1923. p.218-221. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/25519547?newaccount=true&read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/25519547?newaccount=true&read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents)>. Pesquisado em 05/11/2018.

<sup>15</sup> FEDERICI, Sílvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. p.312. Disponível em: <[http://coletivoscorax.org/wp-content/uploads/2016/08/CALIBA\\_E\\_A\\_BRUXA\\_WEB.pdf](http://coletivoscorax.org/wp-content/uploads/2016/08/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB.pdf)>. Pesquisado em 05/11/2018.

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*, p.298.

Cabe observar a simultaneidade de alguns fatos – a “caça às bruxas”, “os processos de colonização e o extermínio das populações do Novo Mundo”, “os cercamentos ingleses”, “o começo do tráfico de escravos” – que ocorreram justo “quando os camponeses na Europa alcançavam o ponto máximo do seu poder, ao mesmo tempo que sofreram a maior derrota da sua história”. Exatamente quando os camponeses começavam a se organizar para exigir melhores condições de vida, foram surpreendidos pela imposição de um novo modo de produção. Podemos ver que, no contexto das estratégias modernas para realocar o poder dominante, estava a restrição às mulheres – que durante o sistema feudal detinham saberes e exerciam diversas atividades em cooperação mútua –, à tarefa de reprodução da força de trabalho e ao trabalho doméstico não assalariado, realizado de forma isoladas.<sup>17</sup>

Calibã – personagem da peça de Shakespeare *A Tempestade* – como filho da poderosa bruxa Sycórax nas colônias, representa o rebelde nativo que se alia aos “proletários europeus”, sugerindo a possibilidade de “uma aliança fatal dos oprimidos” contra o explorador. Apesar de no desfecho da peça essa aliança ter sido desfeita, sendo a ordem dominante reestabelecida, segundo Federici, Calibã simboliza “o corpo proletário como terreno e instrumento de resistência à lógica do capitalismo”<sup>18</sup>. De acordo com a autora, é por meio dos corpos que as transformações continuam sendo possíveis, visto que “o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência”<sup>19</sup>. Ainda que as fábricas fechem, o trabalho se virtualize, a modernidade entre em colapso, podemos pensar que o corpo permanecerá como principal instrumento de resistência e transformação.

Cabe lembrar que Federici, como muitas feministas, critica os escritos de Foucault por “omissão à diferenciação sexual”, por “considera[r] o corpo como algo constituído puramente por práticas discursivas” e pelo fato de sua teoria ser mais direcionada a “descrever como se desdobra o poder, do que em identificar sua fonte”<sup>20</sup>. Se não é difícil localizarmos essas questões na obra de Foucault, podemos também constatar que, nos

---

<sup>17</sup> Idem, ibidem, p.297.

<sup>18</sup> Idem, ibidem, p.14.

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p.25.

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p.24.

escritos feministas, esse autor é fonte recorrente, concluindo, então, que as teorias feministas e as teorias de Foucault são muito mais complementares do que contraditórias.

## Mitologias

Nas mitologias escocesas predominam deidades femininas, em versões que variam no modo que interconectam natureza e cultura. Em Brora a artista costumava sair para olhar as focas no mar; a distância, as cabeças redondas, que sumiam e apareciam nas águas, lembravam personagens de lendas escocesas. As selkies são criaturas mitológicas que vivem como focas no mar, mas têm a capacidade de sair de suas peles e, em terra, se tornar seres humanos. Existem muitas lendas de selkies femininas sendo coagidas a se relacionar com homens, que roubam e escondem sua pele de foca para as impedir de voltar ao mar.<sup>21</sup> Na costa oeste da Escócia, a feiticeira Cailleach é responsável pelas tempestades e simboliza o inverno, que todos os anos, no final do outono, anuncia o início de seu reinado aprisionando em sua montanha a deusa Brígida; a Cailleach também é creditada a criação de montanhas e colinas, que se diz terem sido formadas acidentalmente de pedras caídas de seu cesto. Em outra versão, as deusas Cailleach, Brígida e Dana são partes de uma tríade, sendo Brígida a deusa do fogo, da cura e da linguagem, e Dana relacionada à fertilidade da terra, às estações do ano e à criação do mundo.<sup>22</sup>

Na modernidade, sob o domínio do patriarcado, o neoliberalismo avança explorando diferentes fontes de energia, ignorando os efeitos que suas ações possam causar em ecossistemas milenares, exterminando modos de vida que poderiam permanecer como alternativas aos crescentes distúrbios climáticos que atravessamos. Se os escoceses gaélicos respeitavam e temiam Cailleach, na “era do Antropoceno, quando as atividades humanas começam a ter um impacto global significativo no clima da Terra e no funcionamento dos seus ecossistemas”<sup>23</sup>, a ciência

---

<sup>21</sup> WESTWOOD, Jennifer; KINGSHILL, Sophia. The lore of Scotland: a guide to Scottish legends. New York: Arrow Books, 2011. p.404-405.

<sup>22</sup> MCNEILL, F. Marian. The silver bough. In: A calendar of Scottish national festivals, candlemas to harvest home, v.2. Glasgow: Stuart Titles, 2013.

<sup>23</sup> STEFFEN, Will et al. The Anthropocene: conceptual and historical perspectives. Journal The Real Society, 369, 2011. p.842-867 (Philosophical Transactions). Na coletânea, em que participam teóricos e artistas contemporâneos, são apresentadas várias alternativas de como resistir ao Antropoceno. DAVIS, Heather; TURPIN, Etienne (Orgs.). Art in the Anthropocene: encounters among aesthetics, politics, environments and epistemologies. London: Open Humanities Press,

moderna ao evidenciar suas lacunas nos deixa num vácuo convidativo a um “retorno progressivo às cosmologias antigas e às suas inquietudes”.<sup>24</sup>

Em 2006, ao viajar com a proposta de dialogar com tradições remanescentes das Highlands, para além do triunfo da modernidade presente nos museus, monumentos e em livros de História da civilização ocidental, a artista encontrou uma Europa com rastros de diásporas e colonialismos. Em 2018, estando em Portugal como professora – com visto para desenvolver um projeto de pesquisa durante um ano –, viu por toda parte monumentos em homenagem ao descobrimento e à colonização do Brasil. Na cidade do Porto, entre portugueses e turistas, conheceu muitos brasileiros residentes. De maneira geral, ouviu, debateu e leu muito sobre a problemática do aquecimento global, sobre o crescente fluxo de refugiados na União Europeia, sobre a simplicidade enganosa dos discursos de Trump nos EUA e sobre a candidatura de Bolsonaro à presidência do Brasil.

Recebido: 12 de novembro de 2018; Aceito: 24 de março de 2020

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons



---

2015. Disponível em: <<http://www.openhumanitiespress.org/books/titles/art-in-the-anthropocene/>>. Pesquisado em 05/11/2018.

<sup>24</sup> VIVEIROS DE CASTRO, 2014, op. cit., p.101. Viveiros de Castro nessa passagem cita conclusão de Latour